

Empresas criam plano de saúde para seus empregados

Claudia Iziuke

Da equipe do **Correio**

São Paulo — Grandes empresas estão preferindo elaborar planos de assistência médica e hospitalar para funcionários ao invés de comprar “pacotes de saúde” prontos, disponíveis no mercado.

Esse tipo de serviço em que empresa e funcionários fazem uma espécie de auto-seguro de saúde, além de sair mais barato, permite a escolha do padrão de atendimento que se quer para os empregados.

Uma pesquisa realizada no ano passado pela Towers Perrin, uma empresa americana de consultoria em Recursos Humanos, constatou que entre 238 empresas, 39% já adotavam o regime de auto-seguro.

Na maioria dos casos o plano de saúde era administrado em sistema de auto-gestão e o risco da cobertura do seguro, assumido pela própria empresa. Muitas empresas preferem entregar a terceiros a administração de seu plano, afirma Francisco Bruno Sobrinho, consultor da Towers Perrin.

É o caso da Shell do Brasil S.A. cujo auto-seguro é administrado pela Nacional Saúde, desde 1995. O custo por usuário é de R\$ 50,00.

O funcionário paga 15% desse valor e tem cobertura total de saúde extensiva aos familiares, com di-

reito a tratamento no exterior.

Durante 15 anos, a Shell cobriu a saúde de funcionários por meio de convênios com empresas especializadas. “Os custos subiam com frequência, os benefícios não eram satisfatórios e a empresa era obrigada a trocar com frequência”, diz Isaac Mizrahi, chefe de benefícios da Shell.

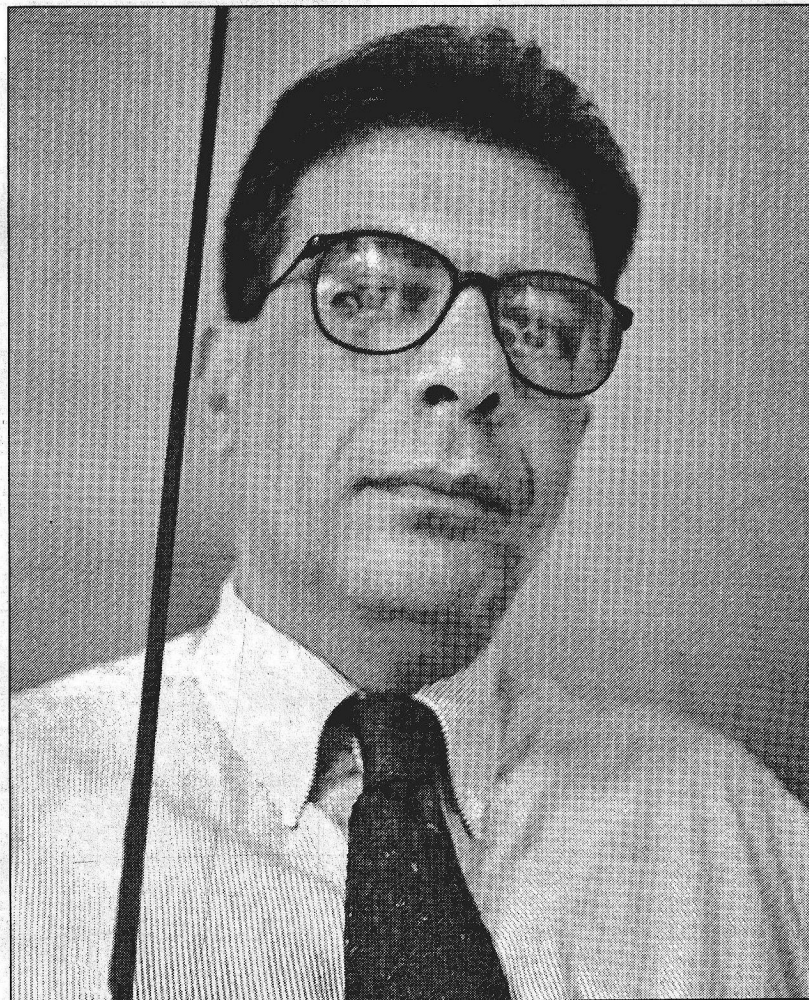
Qualidade — A opção pelo auto-seguro representou economia de custo para a empresa entre 5% e 10% e o padrão de atendimento melhorou, ele explica. Hoje, 98% dos 2.700 funcionários da Shell já aderiram ao plano.

O número de funcionários é um dado fundamental para determinar a escolha do sistema a ser adotado.

Francisco Bruno explica que o auto-seguro é sempre a melhor opção para as empresas com mais de cinco mil empregados. Mas pode representar um boa escolha também para empresas menores, com mais de dois mil, como foi o caso da Shell.

“É preciso analisar vários fatores como a dispersão geográfica da empresa e o índice esperado de utilização”, afirma Bruno.

Empresas de medicina de grupo começam a investir na administração dessa nova modalidade. A Golden Cross, por exemplo, já transferiu 30% dos seus convênios de saúde para planos de auto-seguro.



Bruno: alternativa ideal para empresas com mais de cinco mil empregados